

FORMA (AÇÃO) GRÁFICA: A EXPERIENCIA DA EAV PARQUE LAGE

O desenvolvimento artístico da expressão gráfica no Brasil foi tardio. Apenas no começo do século XX começamos a formar artistas de expressão gráfica e, durante décadas, esse desenvolvimento esteve fortemente concentrado no Rio de Janeiro. Nessa perspectiva, a criação em 1914 do curso de gravura em metal ministrado por Carlos Oswald no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro foi o marco fundador do processo de formação de artistas que elegeriam a linguagem gráfica como meio preferencial de produção em arte.

O desenvolvimento artístico da expressão gráfica no Brasil foi tardio mas também foi bastante intenso. Na sequência desse curso pioneiro ocorreram várias outras experiências com destaque para a iniciativa de Santa Rosa de criar, em 1946, na Fundação Getúlio Vargas, o curso "Desenho de Propaganda e de Artes Gráficas" em que Carlos Oswald ministrou aulas de gravura em metal e Axel Leskochek o curso de xilogravura; o início das atividades didáticas do MAM/RJ em 1948 e a inauguração do Atelier de Gravura dessa instituição em 1959, com um curso de gravura em metal proferido por Johnny Friedlander; a criação, em 1950, do Instituto de Belas Artes (IBA), instituição que contou com Iberê Camargo para o ensino de gravura em metal; posteriormente, a criação em 1975 da EAV - que desde seu início incluiu a gráfica entre suas áreas de atuação - e a criação, em 1977, da Oficina de Gravura do Museu do Inga sob a liderança de Ana Letycia.

O papel de agente modernizador, democratizador e promotor de amplo e generoso encontro de linguagens assumido pela EAV desde sua fundação também marcou seu compromisso com a forma (ação) de artistas aptos a assumir a linguagem gráfica como vetor estruturante de sua produção. Não foram poucos os artistas que atuaram como docentes e como discentes dos diversos cursos da área gráfica da EAV nesses 35 anos de trabalho. Assim como não foram poucos os problemas vividos nesse processo de forma (ação) gráfica nem tampouco as iniciativas voltadas para a sua superação e sobrevivência institucional.

A EAV tem um passado, um presente e um futuro na perspectiva do pensamento e ação crítica. Portanto, o compromisso dessa instituição com a forma (ação) gráfica permanece e, certamente, se aprofundará. É esse vínculo com a permanência que leva hoje a EAV a começar, ainda que com limitações, a construir uma coleção que documente a sua produção.

O primeiro passo dessa construção está aqui diante de nós: a produção de obras gráficas por vários de nossos docentes, e por outros artistas do acervo, em diferentes momentos e sob diversas modalidades técnicas, mas tendo em comum o compromisso de continuar e aprofundar o desenvolvimento artístico da expressão gráfica no Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro. Outros passos se fazem necessários, mas certamente começamos e isso não é pouco.